

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Atadão de RO

Class.: RO 74

Data: 16 e 17.01.83

Pg.: 3

UBE defende Funai criticando índia

Ao mesmo tempo em que criticava a denúncia da índia Neide Karitiana, a escritora Kléon Maryan, presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), de Rondônia, destacava o que convencionou de "trabalho honesto" desenvolvido pelo sertanista Benamour Brandão Fontes, acusado de pacto de promiscuidade e orgias sexuais na Casa do Índio, sob a jurisdição da Fundação Nacional do Índio (Funai), delegacia de Rondônia.

Para quem conhece os dois cidadãos e o trabalho honesto que eles vêm desenvolvendo em prol da coletividade ao longo de vários anos, a notícia causou revolta, pois, todos conhecemos a idoneidade moral daqueles profissionais e a retidão com que se desincumbem de suas funções", disse Kléon, referindo aos denunciados, médico José Américo e Benamour Brandão Fontes, que são acusados de manter relações sexuais — com ou na frente de índias.

Defendendo os interesses do delegado da Funai, assim como do médico Américo, a presidente da UBE contesta a imprensa, dizendo que "não precisa análise muito acurada dos fatos para se concluir que a denunciante está sendo manipulada por pessoas inescrupulosas. Mesmo porque, está sempre acompanhada dos mesmos padrinhos bastante conhecidos e pessoas não muito dedicadas à prática da solidariedade, que na certa estão usando a suposta vítima, para consecução de interesses escusos e talvez até criminosos", acentuou.

Segundo nota assinada por Kléon Maryan, a UBE condena o comportamento da imprensa ressaltando que "lamentavelmente nossos colegas jornalistas nem sempre atentam para as consequências de certas notícias levianas e muitas vezes, num momento de irreflexão destroem, perante a opinião menos informada, anos e anos de edificante trabalho".

Mais adiante, diz a nota: "O que me causa espécie é uma índia não emancipada, semi-analfabeta e com dificuldade de se comunicar, mereça da parte dos órgãos de imprensa tanta credibilidade".

Por outro lado, a índia Neide Karitiana, que diz desconhecer a escritora, confirma a denúncia e reafirma que apelou para a Polícia Federal, na expectativa de que "esses abusos sejam coibidos na Casa do Índio". Como se sabe, a índia Neide Karitiana denunciou, dias atrás, promiscuidades e orgias sexuais na Casa do Índio acusando o telegrafista Osman, médico Américo e o delegado Benamour, de manterem relações sexuais com enfermeiras e índias, sob coação.

Enquanto isso, em sua nota, Kléon defende a necessidade da Funai "exigir" de imediato e pelos canais competentes, o pronunciamento daqueles que estão utilizando, de maneira leviana, a condição de irresponsabilidade jurídica da denunciante. Com a palavra o órgão Central em Brasília que até hoje não criou uma assessoria jurídica em sua Delegacia local. Seria a maneira mais correta de evitar a repetição de fatos dessa natureza. Convém verificar".

RESPALDO LEGAL

Ao criticar a índia Neide Karitiana, que disse "eu só quero defender os interesses do meu povo", a presidente da UBE se baseou na legislação, aventando que "a Lei 6001 que regulamenta a situação do índio no Brasil, considera incapaz o índio menor de 21 anos, não integrado à comunidade social e que não fale fluentemente o idioma nacional. Em outro Artigo prevê a pena de dois anos, a seis meses de cadeia para aqueles que utilizam o índio como propaganda ou com a finalidade de usufruir benefícios de qualquer espécie".



NOTA DA REDAÇÃO

POSIÇÃO DA IMPRENSA ouvida por todos. E, a propósito da nota da UBE, Neide Karitiana diz que "não fui manipulada por ninguém. Fui ao jornalista porque quis, porque quero defender os interesses do meu povo, já que os meus colegas índios tem medo do Benamour". Como se depreende, conforme a índia denunciante, "onde há fumaça, há sinal de fogo", só que os índios não denunciaram com medo de sofrerem represálias por parte da Funai (tutor delas), a quem cabe zelar pelos interesses indígenas. O certo é que a imprensa vai continuar com suas portas abertas a todos, sem discriminação. Agora, cabe aos denunciados provarem o contrário, procurando usar o bom senso para obterem seus direitos, se é que os tem. Refutar, comprovando a verdade, é um direito de to-